

ARTIGO



A Era Pinochet

A morte do ex-ditador chileno Augusto Pinochet reavivou a divisão da sociedade chilena – e mobilizou a opinião pública mundial. Não é para menos. De 1973 a 1990, foram 17 anos em que uma figura deu nome a um regime. E este, à diferença do que se tem apregoadado, apresenta peculiaridades em relação aos demais regimes autoritários experimentados pela América Latina. Deve-se reconhecer que o drama sofrido pelo Chile com a ditadura militar compõe um processo mais amplo. Houve, por óbvio, um ambiente propício à implantação de modelos autoritários – e do qual fizeram parte Brasil, Argentina e Uruguai, por exemplo -, mas esta explicação resulta incompleta. Pinochet tem responsabilidades específicas, sim, em relação à violência e morticínio lá praticados.

Além do trauma da ruptura institucional do 11 de setembro com a morte do presidente Salvador Allende – o que lá houve foi o que tecnicamente se chama de “Golpe de Estado” -, aconteceram violências de todo o tipo. É muito. Também ao contrário do que se poderia pensar, é exatamente pelo fato de as mudanças lá promovidas pelo governo Allende (1970-1973) – de eixo fortemente nacionalista com traços socialistas – terem base em misto de elites políticas (de esquerda) com bases sociais, é que o comportamento dos golpistas merece atenção. Detalhe: até o início da década de setenta, o Chile orgulhava-se de ser, juntamente com o Uruguai, uma nação latino-americana a possuir um arcabouço institucional liberal-democrático sólido. Pois aquele ruíu *pari passu* à ação dos insurretos.

Pinochet e seu grupo de apoiadores – em especial, os nacionais – conferiram uma feição particular ao autoritarismo chileno. Três pontos merecem destaque: (1) o liberalismo

econômico lá instalado no decorrer da década de 70 – inobstante o seu atendimento à lógica “mais poder ao governo e menos funções ao Estado” - não alcançou a principal fonte financiadora do Estado, o mercado do cobre, que continuou em mãos públicas; (2) também aquele liberalismo não acolheu, em um primeiro momento, qualquer forma de um sujeito universal – o regime chileno se sustentou também em um forte nacionalismo; e, finalmente, (3) a personificação da ditadura em Pinochet, à distinção de outros países que conheceram a alternância do poder militar.

Para quem crê que o autoritarismo é a outra face da moeda liberal, lembre-se que em outras paragens a história foi diferente – e não necessariamente deveria sê-lo. Naquele mesmo período, países europeus também se viram envolvidos com grupos dispostos a “mudanças sociais substantivas”. E, independentemente do maior ou menor reformismo, lograram responder politicamente à situação de modo civilizado. Na Itália, por exemplo, o enfrentamento das forças do Estado com as das “Brigadas Vermelhas” se deu dentro da legalidade. Hoje, na Itália, diferentemente do Chile, não há motivos para emoções excessivas diante da morte de uma autoridade. Pode-se concluir esse debate com um reconhecimento: decisivo mesmo é o quanto as sociedades – seja no seu espectro à esquerda ou à direita – estão dispostas a encaminhar as soluções para os seus conflitos distributivos no interior do marco democrático.

Reginaldo Teixeira Perez

Professor do Departamento de Ciências Sociais da UFSM

“Pinochet conferiu feição particular ao autoritarismo”

DICA CULTURAL

LIVRO



LIVRO:

Uma História a Cada Filme

Volume 1

Quem leu?

Fernanda Cardozo(*)

Preço:

R\$ 12,00

Onde?

GESMA

Debater história e cinema através de filmes não convencionais - essa foi a proposta do I Ciclo de Cinema Histórico, através de uma iniciativa do então aluno do curso de História da UFSM Alexandre Maccari Ferreira. O livro “Uma História a cada filme - vol. 1”, foi o resultado dos quatro ciclos realizados ao longo de 2005 no auditório do CCSH, que abordaram a América Latina, a Guerra Fria, a 2ª Guerra Mundial e o cinema político. Os comentários sobre filmes como o argentino “A História Oficial” e o russo “A Balada de um Soldado”, entre outros, foram reunidos no livro lançado em dezembro, que representa uma importante contribuição para os estudiosos do cinema, da História, professores e cinéfilos em geral.

Embora seja uma temática bastante inovadora e importante para os professores que pretendem utilizar filmes em sala de aula, existem pouquíssimos títulos relacionando cinema e história, já que na academia, o cinema como fonte histórica ainda é visto com desconfiança, e a produção de conhecimento (especialmente teórico) ainda é insuficiente. O livro contém mais de 30 artigos e abre mais um espaço para que Santa Maria e a UFSM se destaquem como espaço de discussão e produção sobre cinema. Serão lançados mais dois livros, o segundo deles em 2007, contendo os artigos relativos ao II Ciclo, realizado em 2006, e do III, em 2008.

(*Jornalista e historiadora formada pela UFSM, mestranda em História pela UFRGS)